

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O IMPACTO DA SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES
PSICOLÓGICAS BÁSICAS PELOS PAIS NO
AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO DOS ADOLESCENTES**

Serena Maria Rivara Velez

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

**Área de Especialização em Psicologia Clínica Cognitivo-Comportamental
Integrativa**

2023

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O IMPACTO DA SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES
PSICOLÓGICAS BÁSICAS PELOS PAIS NO
AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO DOS ADOLESCENTES**

Serena Maria Rivara Velez

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Sá

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

**Área de Especialização em Psicologia Clínica Cognitivo-Comportamental
Integrativa**

2023

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Isabel Sá, por ter aceitado o convite de ser minha orientadora no projeto que marca o fim de um ciclo tão importante.

Aos professores, pais e alunos que se disponibilizaram para ajudar nesta investigação.

À Marta, a grande companheira de trabalho e amiga de coração que a faculdade me deu. Juntas iniciámos este caminho, e remando contra uma vasta maré de obstáculos, juntas o encerramos.

Ao Tomás, parceiro de bonitas partilhas e de grandes aprendizagens, exemplo de resiliência, generosidade e autenticidade, que tanto me ajudou a superar este desafio.

À Tici, porque é sempre possível superarmo-nos.

Aos meus pais, fundadores de todas as minhas conquistas, por quem tenho a maior e mais profunda gratidão.

“Run, Forrest, run!”

Forrest Gump (1994)

Resumo

A literatura no âmbito da Teoria da Autodeterminação sugere que o bem-estar durante a adolescência é influenciado pela satisfação e frustração parentais das três necessidades básicas de autonomia, competência e relacionamento. Para averiguar mais sobre como medir essas variáveis e sobre como intervir tendo-as em consideração, o presente estudo pretende explorar a associação entre a percepção dos adolescentes de satisfação e frustração das necessidades por parte dos pais, e o seu ajustamento-desajustamento psicológico, em contexto português. Numa amostra de 545 jovens portugueses, com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos, aplicaram-se a Escala de Suporte e Frustração Parental das Necessidades (ESFPN; Chen et al., 2015; versão portuguesa de Cordeiro et al., 2016) e o Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ; Goodman, 1997; versão portuguesa de Fleitlich et al., 2004). Os resultados apontam para correlações significativas entre a satisfação e frustração percebidas, e o ajustamento e desajustamento psicológico, respetivamente; ao mesmo tempo, quando discutidos à luz da bibliografia, evidenciam a necessidade de se considerar a parentalidade como uma dimensão multifatorial. São abordadas implicações para a intervenção junto de pais e filhos adolescentes, e colocadas sugestões para estudos futuros.

Palavras-Chave: Necessidades psicológicas básicas, Teoria da Autodeterminação, Parentalidade, Ajustamento psicológico, Adolescência.

Abstract

Literature within the Self-Determination Theory suggests that well-being during adolescence is influenced by parental satisfaction and frustration of the three basic needs of autonomy, competence and relatedness. To find out more about how to measure these variables and how to intervene taking them into account, the present study aims to explore the association between adolescents' perception of satisfaction and frustration of needs by their parents, and their psychological adjustment-maladjustment, in a Portuguese context. In a sample of 545 Portuguese adolescents, aged between 10 and 16 years old, the Parental Needs Support and Frustration Scale (ESFPN; Chen et al., 2015; Portuguese version by Cordeiro et al., 2016) and the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ; Goodman, 1997; Portuguese version by Fleitlich et al., 2004) were applied. The results point to significant correlations between perceived satisfaction and frustration, and psychological adjustment and maladjustment, respectively; at the same time, when discussed in light of the bibliography, they highlight the need to consider parenting as a multifactorial dimension. Implications for intervention with parents and adolescent children are discussed, and suggestions for future studies are made.

Keywords: Basic psychological needs, Self-Determination Theory, Parenting, Psychological adjustment, Adolescence.

Índice

1. Introdução	8
2. Enquadramento Teórico	9
2.1. Parentalidade e Bem-estar: Breve Introdução	9
2.2. Teoria da Autodeterminação: Necessidades Psicológicas Básicas	10
2.3. Teoria da Autodeterminação no contexto da Parentalidade.....	12
3. Metodologia	15
3.1. Objetivos e Hipóteses.....	15
3.2. Participantes	15
3.3. Instrumentos de Medida	15
3.4. Procedimento.....	16
4. Resultados	18
4.1. Análises Correlacionais.....	21
4.2. Regressões Lineares Múltiplas.....	25
5. Discussão de Resultados	27
5.1. Discussão e Implicações Clínicas	27
5.2. Limitações e Sugestões para Estudos Futuros.....	31
6. Referências Bibliográficas	32
Anexos	37

1. Introdução

A forma como a parentalidade exerce um papel significativo no desenvolvimento e funcionamento das crianças e jovens, principalmente durante o período da adolescência (Grolnick et al., 1997), é um dos temas abordados pela Teoria da Autodeterminação (TAD; Deci & Ryan, 1980). Em vez de olhar para o indivíduo meramente “a partir de fora”, tem em consideração a dialética que existe entre as propensões internas de cada pessoa e a influência dos seus contextos sociais significativos (Ryan & Deci, 2017). À luz do que é defendido pela TAD, o impacto, positivo ou negativo, das práticas educativas pode ser explicado através da satisfação ou frustração parental das três necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e relacionamento. Estas três necessidades constituem-se nutrientes essenciais para o bem-estar generalizado (Inman et al., 2023), e quando frustradas, mais do que quando insatisfeitas (Vansteenkiste & Ryan, 2013), criam uma maior vulnerabilidade ao desajustamento psicológico (Rodríguez-Meirinhos et al., 2020).

Neste sentido, mostra-se essencial estudar, em contexto português, o impacto dessas necessidades no funcionamento dos jovens durante o período da adolescência, com a possibilidade de se averiguar mais sobre como medir essas variáveis e sobre como atuar tendo-as em consideração. Por esse motivo, a presente investigação propôs-se estudar a satisfação e frustração das necessidades psicológicas básicas dos adolescentes por meio da sua perceção sobre as práticas parentais, e entender como é que os contextos parentais de satisfação e frustração influenciam o ajustamento e desajustamento psicológico dos filhos.

É, em primeiro lugar, apresentada uma revisão de literatura que destaca conteúdos relevantes no âmbito da parentalidade, que explica os fundamentos da Teoria da Autodeterminação e a sua relação no contexto específico da adolescência, e que identifica um leque de investigações que, em conjunto, resumem o “estado da arte” dentro desses temas. Posteriormente, são definidos os objetivos e hipóteses da presente investigação. Os resultados são depois apresentados e discutidos à luz da literatura, incluindo-se as implicações que os dados fornecidos podem ter na atuação clínica (e não só). Por fim, são identificadas as principais limitações do estudo e apresentadas sugestões para investigações futuras.

2. Enquadramento Teórico

2.1. Parentalidade e Bem-estar: Breve Introdução

De acordo com Rohner e Veneziano (2001), a qualidade¹ das relações interpessoais é vista como um forte preditor do funcionamento e desenvolvimento psicossocial, em particular as relações com os pais². A parentalidade, como “*qualidade relacional que consolida a personalidade da criança*” (Sá, 2002 como citado em Cavaco, 2010, p.2), é um fator social com um papel significativo no desenvolvimento e funcionamento das crianças e adolescentes (Costa et al., 2019). Os pais aspiram o bem-estar dos filhos e têm um posicionamento único (nas suas vidas) para o promover (Joussemet et al., 2014), e esta influência significativa acontece não só pelo facto de serem, na maior parte dos casos, as figuras mais importantes na provisão de recursos, mas também porque são eles os que desempenham o papel mais central na criação dos contextos sociais e emocionais dos filhos (Ryan & Deci, 2017). De entre os determinantes contextuais da saúde mental infantil, a qualidade parental é identificada como um preditor primário da mesma (Masten & Shaffer, 2006); contudo, Joussemet et al. (2014) defendem que o conhecimento sobre uma educação parental baseada em evidência não é disponibilizado à população em geral, e que a maior parte dos programas de parentalidade têm, normalmente, como alvo crianças que apresentam previamente problemas psicológicos; para além disso, os recursos disponibilizados (livros, programas de televisão, revistas, etc.) são frequentemente contraditórios e abstratos.

No caso das relações entre pais e filhos adolescentes, estas têm sido explicitamente consideradas ao longo de uma ampla investigação que evidencia a ligação que existe entre esse relacionamento e o bem-estar na adolescência (Grolnick et al., 1997). De facto, o grande tema das relações familiares durante a adolescência tem vindo a fazer parte da investigação sobre o desenvolvimento psicológico: a família determina não só as primeiras relações sociais estabelecidas, como também os contextos onde se dão as aprendizagens iniciais sobre o mundo e sobre as capacidades individuais, e esta influência prolonga-se desde o nascimento até à adolescência (Cavaco, 2010). É, porém, importante ressaltar que quando se fala de parentalidade e da importância da família como contexto principal de socialização, não se está a dizer que o desenvolvimento individual ocorra de forma unidirecional: a forma como a criança/adolescente se vai desenvolvendo altera, também, a influência da família, e esta multidireccionalidade é particularmente evidente na fase da adolescência (Cavaco, 2010). Um outro aspeto importante é o facto de as perceções sobre as atitudes parentais poderem ser mais importantes do que o

¹ Os autores consideram que o conceito de “qualidade” envolve “calor afetivo, suporte, conforto, cuidado, afeto ou simplesmente amor”. ² No artigo citado, os autores definem o termo “pais” como sendo os cuidadores mais importantes, o que significa que não têm de ser necessariamente a mãe e/ou o pai, mas que tipicamente o são. No presente estudo, o termo restringe-se a mãe e/ou pai.

comportamento parental em si, o que quer dizer que é mais relevante olhar para o entendimento das crianças e adolescentes sobre o comportamento dos pais do que para o comportamento por si só (Schaefer, 1965). Esta perspectiva destaca os processos internos como mediadores da relação estímulo-resposta, defendendo que não respondemos/reagimos diretamente aos acontecimentos, mas sim às representações que deles temos (Cavaco, 2010).

Dentro do grande tema da parentalidade, existe uma abordagem teórica que faz um enquadramento alargado da dinâmica e dos mecanismos através dos quais a parentalidade parece influenciar o desenvolvimento psicossocial dos filhos (Cordeiro et al., 2015; Skinner et al., 2005): a Teoria da Autodeterminação (Deci & Ryan, 1980).

2.2. Teoria da Autodeterminação: Necessidades Psicológicas Básicas

A Teoria da Autodeterminação (TAD), referencial teórico deste estudo, tem como principal foco as condições sociais que facilitam ou dificultam o desenvolvimento humano (Ryan & Deci, 2017). Surgiu numa altura em que os paradigmas comportamentais tinham como grande preocupação a de controlar o comportamento “a partir de fora”, em vez de olhar para as fontes naturais/orgânicas do crescimento; paralelamente, era uma altura em que a maior parte das alternativas humanísticas e psicodinâmicas tinham pouco fundamento empírico e metodológico (Deci & Ryan, 1980). Inovadora perante as perspectivas comportamentalistas mais tradicionais, a TAD trouxe um novo olhar sobre o indivíduo, considerando-o, por um lado, internamente orientado para a auto-organização, e por outro, necessitado de nutrientes sociais que, tanto numa janela temporal mais alargada como de uma forma proximal nos contextos do dia a dia, lhe permitam atingir um funcionamento ótimo (Ryan & Deci, 2017). Assim, esta teoria considera que a motivação e personalidade humanas se desenvolvem através de um processo contínuo e dialético entre as tendências do organismo em direção ao desenvolvimento psicológico e à integridade, e a forma como os contextos sociais apoiam, privam ou frustram de forma ativa essas tendências universais (Cordeiro et al., 2016). Tal pode ser enquadrado nos conceitos de motivação intrínseca (desejo inato dos indivíduos de se envolverem em atividades interessantes e estimulantes) e de internalização (tendência natural para integrar aspetos extrínsecos do ambiente social no *self*) (Deci & Ryan, 2000), na medida em que se defende que há uma complementaridade entre os processos de ativação de motivações intrínsecas ao indivíduo e de internalização de motivações não intrínsecas (Cordeiro, 2016). Para que a motivação intrínseca e a internalização se manifestem ao máximo, é necessário que os contextos sociais mais significativos (como a família e a escola) deem apoio às necessidades de autonomia, competência e relacionamento (Cordeiro, 2016). Dessa forma, a investigação no campo da motivação e da internalização revelou um conjunto de necessidades psicológicas universais que predizem o bem-estar psicológico, inclusivamente de forma transcultural (como é demonstrado, por exemplo, em Tay e Diener, 2011) (Deci & Ryan, 2008). Assim, a autonomia, a competência e o relacionamento passaram a ter um lugar específico

dentro da TAD, formando a sub-Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas. A autonomia relaciona-se com a necessidade de cada um escolher o rumo que quer dar à sua própria vida e tomar com liberdade uma determinada ação; a competência prende-se com a necessidade de se sentir capaz de atingir determinadas metas e realizar as atividades com eficácia; por fim, o relacionamento diz respeito à necessidade de se estabelecerem laços próximos e de se pertencer a uma comunidade/sentir-se parte de um grupo (Deci & Ryan, 2000, como citado em Inguiglia, 2018). Estas necessidades psicológicas são, então, definidas como nutrientes psicológicos essenciais ao ajustamento, à integridade e ao desenvolvimento dos indivíduos (Vansteenkiste, 2020). No seguimento dessa definição, um desejo específico só pode receber o estatuto de necessidade psicológica básica quando a sua satisfação não é apenas propícia, mas essencial para o bem-estar dos indivíduos, enquanto a sua frustração aumenta o risco de mal-estar (Vansteenkiste, 2020). Mesmo considerando que existem diferenças no grau de satisfação e frustração dessas necessidades – aspeto que se relaciona com a centralidade com que cada uma dessas necessidades é representada nos objetivos pessoais e estilos de vida das diferentes pessoas –, a Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas assume que uma maior satisfação das necessidades resultará num maior bem-estar, e uma maior frustração levará a uma diminuição do bem-estar, independentemente de fatores condicionais biológicos (temperamento, deficiências físicas, capacidades intelectuais), sociais (estilos parentais), políticos e económicos (oportunidades educacionais, pobreza) que possam ter impacto nessa influência; parte-se, assim, do pressuposto de que a grande variação da relação entre esses fatores e o bem-estar é mediada pelas necessidades psicológicas básicas (Ryan & Deci, 2017). De acordo com Inman et al. (2023), da mesma forma que é necessária água, comida e sono para haver saúde física, a abordagem em causa afirma que todos os indivíduos devem ver satisfeitas as necessidades de autonomia, competência e relacionamento para que tenham saúde psicológica. Vansteenkiste e Ryan (2013) usam uma metáfora diferente para explicar esse impacto: *“tal como as plantas precisam de água e de luz solar para crescer e florir, a satisfação das necessidades psicológicas básicas é essencial para o desenvolvimento psicológico”* (p.264), afirmando que muitos estudos têm mostrado que essa satisfação está positivamente correlacionada com o bem-estar psicológico na adolescência. A investigação mais antiga olhava para a baixa satisfação das necessidades psicológicas básicas como aquela que levava a resultados não adaptativos, mas mais recentemente tem-se apoiado que existe uma diferença entre a experiência de falta de satisfação e a experiência de frustração: uma baixa satisfação das necessidades equivale a quando as plantas não recebem sol e água, enquanto que a frustração dessas necessidades equivale a dar às plantas águas salgada; em ambos os casos, as plantas ficam destinadas a parar de crescer e, eventualmente, a morrer, mas no segundo cenário tal acontecerá mais rapidamente (Vansteenkiste & Ryan, 2013).

2.3. Teoria da Autodeterminação no contexto da Parentalidade

A investigação no âmbito da TAD tem vindo a contextualizar os seus contributos no âmbito da parentalidade. Uma das características mais importantes desta teoria é o seu foco nas propensões internas dos indivíduos em direção ao crescimento, propensões essas que requerem, em momentos e domínios diferentes, apoio (do ambiente) às necessidades psicológicas para se desenvolverem adequadamente – Ryan e Deci (2017) consideram que em nenhum outro âmbito esse foco fica mais visível do que nas discussões sobre a parentalidade. Assim, a TAD defende que os efeitos da parentalidade são mediados pela satisfação das necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e relacionamento. Essa satisfação exerce um efeito importante na promoção da adaptação emocional dos indivíduos e, portanto, é um mecanismo motivacional fundamental que facilita a interpretação do impacto dos fatores socioambientais no desenvolvimento infantil (Shao et al., 2018). Os pais, como contexto social significativo, podem apoiar ou frustrar as necessidades psicológicas básicas dos filhos, e cada uma dessas situações prediz, respetivamente, o mal-estar e o bem-estar ao longo do desenvolvimento (Costa et al., 2019).

Relativamente à autonomia, a satisfação desta necessidade envolve um apoio a diferentes níveis: a nível comunicativo (diálogo sobre o como e o porquê das decisões serem tomadas, escuta de opiniões e demonstração de empatia), emocional (apoio ao processamento e regulação emocional), cognitivo (ajuda no desenvolvimento de pensamentos, opiniões e crenças independentes) e da tomada de decisão (ajuda no desenvolvimento de uma tomada de decisão mais independente e alinhada com os valores do próprio) (Ryan & Deci, 2017). De uma forma geral, o apoio à autonomia é comunicado quando os pais disponibilizam uma quantidade *ótima* de escolhas (ou um racional adequado no caso da escolha ser limitada) e abdicam de estratégias insidiosas, manipuladoras e invasivas, contribuindo para um funcionamento mais volitivo (Cordeiro et al., 2016). Em relação à competência, a satisfação desta necessidade passa pela disponibilização de um feedback informativo e positivo sobre as ações dos filhos, permitindo que estes se envolvam em oportunidades e experiências para usar e ampliar as suas competências e conhecimentos (Cordeiro et al., 2016). Quanto à necessidade de relacionamento, a sua promoção passa pela sintonização dos pais com as experiências e sentimentos dos filhos, relacionando-se com os mesmos de uma forma calorosa e aceitante (Cordeiro et al., 2016).

De acordo com o que já foi abordado anteriormente, a TAD defende que a perceção de satisfação destas três necessidades psicológicas conduz a um funcionamento mais integrado e a um bem-estar consistente com o self (Ryan & Deci, 2017). Contudo, em vez de responder a estas necessidades psicológicas inatas, os pais podem ativamente impedir que elas sejam satisfeitas: quando recorrem a técnicas de socialização baseadas no controlo e pressão para regular o comportamento dos filhos, estão a frustrar principalmente a necessidade de autonomia; quando lhes dão sistematicamente um feedback negativo em relação ao seu desempenho e os comparam

de forma desfavorável com os colegas, estão a prejudicar a necessidade de competência; quando repetidamente os rejeitam, criticam, negligenciam ou coagem, estão a frustrar a necessidade de relacionamento (Cordeiro et al., 2016). Nesse sentido, a TAD defende que a exposição crónica a este tipo de práticas parentais conduz à sensação de frustração das três necessidades psicológicas básicas, e isso reflete-se através da perceção de estar a ser controlado através de pressões impostas externa ou internamente (tal como acontece quando existem elevados padrões de realização; frustração de autonomia), da perceção de falha/ineficácia na tentativa de alcançar objetivos (como, por exemplo, ter sucesso na escola; frustração de competência), e da sensação de estar sozinho/separado dos outros (que pode vir da perceção de ser diferente e excluído do grupo de pares; frustração de relacionamento) (Vanteenkiste & Ryan, 2013). É de lembrar que existe uma diferença entre os pais, por exemplo, não darem muita atenção aos filhos e isso se refletir numa insuficiente satisfação das necessidades psicológicas dos mesmos, e os pais recorrerem a práticas parentais que ativamente prejudicam essas necessidades – as experiências subjetivas de frustração das necessidades psicológicas tornam as crianças mais vulneráveis a desenvolver substitutos das necessidades (objetivos orientados “para fora”) e comportamentos compensatórios (falta de ou revolta contra o autocontrolo; padrões de rigidez e de oposição) (Vansteenkiste & Ryan, 2013).

São múltiplos os estudos (embora poucos em contexto português) que têm replicado os resultados no âmbito da TAD: Cordeiro et al. (2018) apresentam um esquema de correlações positivas entre o Apoio/Frustração Parental, Bem-estar/Mal-estar e variáveis importantes na tomada de decisão sobre a carreira que acontece durante a adolescência; Costa et al. (2016) enfocam-se na satisfação e frustração da necessidade de autonomia, e encontram correlações significativas com sentimentos de vitalidade e sentimentos depressivos; os resultados da investigação de Rodríguez-Meirinhos et al. (2020) revelam que enquanto a satisfação das necessidades esteve apenas relacionada com o bem-estar (neste caso, satisfação com a vida e afeto positivo) na adolescência e não com o desajustamento psicológico, a frustração das necessidades esteve exclusivamente associada ao desajustamento (externalização, internalização e outros problemas) e não ao bem-estar; Inguglia et al. (2018) consideram a satisfação/frustração por parte do pai e da mãe de duas das três necessidades básicas, e apresentam correlações significativas com estados de ansiedade e autoaceitação na adolescência; Silva (2017), recorrendo a um dos instrumentos utilizado na presente investigação, apresenta resultados que correlacionam positivamente a perceção de satisfação com “*tendência a consolidar perceções de bem-estar psicológico*”, e a perceção de frustração com “*desenvolvimento de sintomatologia clínica (...), cognições rígidas, auto-invalidantes e resistentes à mudança nos domínios da rejeição, vergonha, abandono, fracasso, etc.*”; Costa et al. (2015) identificaram as necessidades psicológicas básicas como um mediador da relação entre a perceção de controlo e o stress internalizado (depressão, tensão, confusão), e já Barber (1996) havia demonstrado a associação positiva entre a perceção dos adolescentes de controlo psicológico por parte dos pais e problemas de internalização

(enquanto os problemas de externalização se mostraram mais correlacionados com um controle mais comportamental); por outro lado, os resultados de Van Petegem et al. (2015) revelaram uma associação positiva entre frustração parental das necessidades, suscetibilidade para a reatância e problemas tanto de internalização como de externalização.

Assim, considerando a influência que os pais têm no funcionamento dos filhos e a importância do seu apoio na saúde mental (em particular, dos adolescentes; Kocayoruk, 2012), e tendo em conta, simultaneamente, os resultados no âmbito da TAD, torna-se relevante obter mais evidências do papel que a satisfação/frustração parental das necessidades psicológicas básicas dos filhos poderá ter no ajustamento/desajustamento psicológico dos mesmos. Deste modo, no âmbito da presente investigação, coloca-se a questão de se a satisfação/frustração parental das necessidades psicológicas básicas dos adolescentes irá influenciar o ajustamento/desajustamento psicológico destes. A relevância da investigação prende-se não só por aquilo que pretende estudar, mas pela forma como o pretende fazer: o ajustamento será medido através de um dos instrumentos mais utilizados para esse efeito, mas que raramente foi aplicado à TAD, constituindo-se como uma potencial alternativa para reforçar os resultados que esta teoria tem encontrado no âmbito do bem-estar; o apoio parental será medido através de um instrumento recente, elaborado por dois dos autores que mais investigam sobre a área no contexto português, permitindo que este estudo possa dar suporte às vantagens da sua utilização. Para além disso, Vandekerckhove et al. (2019) afirmam que a maior parte dos estudos sobre a frustração das necessidades psicológicas básicas se tem focado nos problemas de internalização, embora a adolescência seja marcada igualmente por problemas de externalização; nesse sentido, a presente investigação será relevante também para averiguar sobre o desajustamento psicológico na adolescência a nível dos problemas de ambos os tipos. À semelhança de Moreira (2017) e Araújo (2009), este estudo pretende apoiar a importância de uma visão orientada (também) para os antecedentes contextuais do desenvolvimento, e assim, ao permitir reforçar que a satisfação das necessidades psicológicas básicas por parte dos pais é um fator importante para o desenvolvimento positivo (e que a frustração é prejudicial), direcionar a intervenção junto de pais e (filhos) adolescentes.

3. Metodologia

3.1. Objetivos e Hipóteses

A presente investigação tem como objetivo compreender de que forma a Satisfação e a Frustração Parentais de cada uma das Necessidades Psicológicas Básicas se relacionam com o Ajustamento e Desajustamento Psicológico nos adolescentes. De acordo com o que a literatura tem sugerido, levantam-se as Hipóteses (1) de a Satisfação das Necessidades Psicológicas Básicas se correlacionar positivamente com o Ajustamento Psicológico dos adolescentes, mas negativamente com o Desajustamento Psicológico dos adolescentes; e (2) de a Frustração das Necessidades Psicológicas Básicas se correlacionar positivamente com o Desajustamento Psicológico dos adolescentes, mas negativa e significativamente com o Ajustamento Psicológico dos adolescentes.

3.2. Participantes

Os dados da presente investigação foram recolhidos a partir de uma amostra de conveniência final de 545 participantes, com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos ($M = 12,25$ e $DP = 1,33$). Inicialmente, a amostra totalizava 559 participantes, mas os dados de 14 destes participantes foram excluídos por omitirem a resposta a vários itens. O Quadro 1 apresenta a distribuição dos participantes por Sexo e Grupo Etário.

Quadro 1. *Distribuição da amostra por Sexo e Grupo Etário (N = 545)*

		Grupo etário					
		Adolescência Inicial		Adolescência Média		Total	
		(10-12 anos)		(13-16 anos)			
		N	%	N	%	N	%
Sexo	Feminino	156	56.7	119	43.3	275	50.5
	Masculino	152	56.3	118	43.7	270	49.5
Total		308	56.5	237	43.5	545	100

De acordo com o Questionário Sociodemográfico apresentado aos participantes, inicialmente foi considerada a variável “Agregado Familiar”, que pretendia averiguar se os participantes viviam com a mãe e/ou com o pai; contudo, todos os participantes vivem com pelo menos um dos progenitores, pelo que esta variável não foi considerada para fins de análise.

3.3. Instrumentos de Medida

A recolha dos dados realizou-se a partir da aplicação de três questionários de autopreenchimento: o Questionário Sociodemográfico; a Escala de Suporte e Frustração Parental das Necessidades (Chen et al., 2015; versão portuguesa de Cordeiro et al., 2018); e o Questionário

de Capacidades e de Dificuldades (Goodman, 1998; versão portuguesa de Fleitlich, Loureiro, Fonseca & Gaspar, 2004)).

O *Questionário Sociodemográfico* pretende recolher, de forma breve, a informação demográfica dos participantes, neste caso registando-se a idade, o sexo e o agregado familiar. Os dados permitirão fazer uma caracterização descritiva da amostra, seguida de uma análise estatística da relação entre estes dados e as variáveis em estudo.

A *Escala de Suporte e Frustração Parental das Necessidades* (ESFPN) é a versão portuguesa traduzida e adaptada por Cordeiro et al. (2016) da escala original de Chen et al. (2015). Este instrumento permite avaliar a perceção dos adolescentes sobre a satisfação, por parte dos pais, das suas necessidades psicológicas básicas. É composta por 18 itens, 9 deles que medem o apoio e outros 9 que medem a frustração parental das três necessidades de autonomia, competência e relacionamento. Cada item é classificado numa escala de Likert de 5 pontos, sendo 1 = “Discordo Muito” e 5 = “Concordo Muito”.

O *Questionário de Capacidades e Dificuldades* (SDQ; Goodman, 1997; versão portuguesa de Fleitlich et al., 2004) é um instrumento de rastreio de problemas emocionais e comportamentais que avalia 5 dimensões distintas – Problemas de Comportamento, Sintomas Emocionais, Hiperatividade, Problemas com os Pares e Comportamento Pró-Social –, cada uma constituída por 5 itens; os 25 itens devem ser respondidos de acordo com uma escala de Likert de 3 pontos: 0 = “Não é Verdade”, 1 = “Pouco Verdade” e 2 = “Muito Verdade”, e a Pontuação Total de Dificuldades é obtida através da soma da pontuação total de todas as escalas exceto a de Comportamento Pró-Social. Contudo, a presente investigação irá recorrer ao modelo de três escalas testado por Goodman et al. (2010) – “Problemas de Internalização” (10 itens), “Problemas de Externalização” (10 itens) e “Comportamento Pró-Social” (5 itens) –, que se demonstrou preferível para amostras da população geral e de baixo risco clínico. A pontuação para o Total de Dificuldades pode variar entre 0 e 40 pontos, e os critérios de interpretação mais recentes indicam que valores entre 0 e 14 são aproximados da média, entre 15 e 17 são valores ligeiramente elevados, 18 e 19 são valores elevados, e entre 20 e 40 são valores muito elevados.

3.4. Procedimento

A presente investigação foi previamente aprovada pela Comissão Especializada de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Após essa aprovação, estabeleceu-se um contacto presencial com a Direção de duas escolas privadas, ambas pertencentes ao distrito de Lisboa, no qual foi solicitado o pedido de colaboração e autorização do Diretor (Anexo A). Numa segunda fase, a Coordenação das escolas ficou responsável pela distribuição dos consentimentos informados aos alunos de todas as turmas dos anos seleccionados conforme as idades estabelecidas para a amostra (Anexo B). A recolha³ dos dados deu-se após a receção dessas autorizações: em contexto de sala de aula procedeu-se,

primeiramente, à leitura das instruções de participação (Anexo C), onde se explicava como cada participante deveria proceder no decorrer do preenchimento, a duração aproximada e o caráter voluntário e anónimo da sua participação; após essa leitura, foram distribuídos os questionários e cada participante deveria mostrar o seu consentimento oral em participar no estudo; os questionários foram seguidamente preenchidos de forma individual.

³A recolha dos dados foi realizada juntamente com outra investigadora, uma vez que a orientadora da investigação e a população alvo eram comuns, bem como um dos instrumentos de avaliação. Desta forma, foi construída uma base de dados comum, tendo sido analisada posteriormente em separado, conforme os objetivos específicos de cada investigação.

4. Resultados

No Quadro 2, é possível observar que os sujeitos apresentam valores superiores no Total de Satisfação das Necessidades ($M=4.20; DP=.58$) em comparação com o Total de Frustração das Necessidades ($M=2.48; DP=.78$). Mais especificamente, os sujeitos sentem-se mais satisfeitos no que concerne às necessidades de competência ($M=4.36; DP=.71$) e de relacionamento ($M = 4.42; DP = .73$), e menos na necessidade de autonomia ($M=3.84; DP=.71$). Por outro lado, sentem maior frustração parental das necessidades de autonomia ($M=2.84; DP=.86$) e competência ($M=2.60; DP=1.18$), e menor frustração parental da necessidade de relacionamento ($M = 2.01; DP = .86$). Relativamente ao Total de Dificuldades ($M=18.15; DP=6.88$), os sujeitos apresentam um valor que, de acordo com os critérios enunciados na Metodologia, é considerado elevado. Dentro dessas dificuldades, os sujeitos apresentam uma pontuação ligeiramente superior para os Problemas de Externalização ($M=8.66; DP=3.36$) relativamente aos Problemas Internalização ($M=8.26; DP=4.07$). Relativamente ao Comportamento Pró-Social ($M=7.33; DP=1.14$), os sujeitos apresentaram um resultado considerado próximo da população normativa.

Quadro 2. *Correlações entre as subescalas da ESFPN (N = 545)*

Variáveis	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Satisf. Autonomia	1.00	5.00	3.84	0.71
Satisf. Competência	1.00	5.00	4.36	0.71
Satisf. Relacionamento	1.00	5.00	4.41	0.73
Total de Satisfação das Necessidades (média)	1.22	5.00	4.20	0.58
Frustraç. Autonomia	1.00	5.00	2.84	0.86
Frustraç. Competência	1.00	5.00	2.60	1.18
Frustraç. Relacionamento	1.00	5.00	2.01	0.86
Total de Frustração das Necessidades	1.00	4.89	2.48	0.78
Total de Dificuldades	2.00	33.00	18.15	6.88
Problemas de Internalização	0.00	18.00	8.26	4.07
Problemas de Externalização	0.00	18.00	8.66	3.36
Comportamento Pró-Social	3.00	8.00	7.33	1.14

No Quadro 3, é possível observar as diferenças, por Sexo, das médias de cada variável estudada. Apenas se verificam diferenças estatisticamente significativas no caso das variáveis de Frustração da Competência, Problemas de Internalização e Comportamento Pró-Social.

Quadro 3. *Comparação das Médias das Variáveis por Sexo (Teste t de Student para amostras independentes) (N = 545)*

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	valor p
Satisf. Autonomia	Masculino	270	3.8531	0.73463	0,680
	Feminino	275	3.8279	0.69018	
Satisf. Competência	Masculino	270	4.3926	0.70094	0,220
	Feminino	275	4.3182	0.71273	
Satisf. Relacionamento	Masculino	270	4.4321	0.69882	0,478
	Feminino	275	4.3879	0.75284	
Total de Satisfação de Necessidades	Masculino	270	4.2259	0.57567	0,337
	Feminino	275	4.1780	0.58931	
Frustraç. Autonomia	Masculino	270	2.8488	0.84010	0,727
	Feminino	275	2.8230	0.87754	
Frustraç. Competência	Masculino	270	2.7123	1.17841	0,022*
	Feminino	275	2.4812	1.17418	
Frustraç. Relacionamento	Masculino	270	1.9599	0.88024	0,197
	Feminino	275	2.0552	0.84041	
Total de Frustração de Necessidades	Masculino	270	2.5070	0.77994	0,418
	Feminino	275	2.4531	0.77217	
Total de Dificuldades	Masculino	270	17.6370	7.01311	0,085
	Feminino	275	18.6509	6.71323	
Problemas de Internalização	Masculino	270	7.7148	4.17687	0,002**
	Feminino	275	8.7855	3.89476	
Problemas de Externalização	Masculino	270	8.7148	3.38103	0,728
	Feminino	275	8.6145	3.35010	
Comportamento Pró-Social	Masculino	270	7.1667	1.25176	0,001**
	Feminino	275	7.4945	1.00499	

*p<0,05 e ** p <0,01

No Quadro 4, é possível observar as diferenças, por Grupo Etário, das médias de cada variável estudada. Verificam-se diferenças estatisticamente significativas na maior parte das variáveis: o grupo etário dos 10-12 anos apresentou maior satisfação das necessidades psicológicas básicas e o grupo etário dos 13-16 anos apresentou maior frustração das necessidades psicológicas básicas.

Quadro 4. Comparação das Médias das Variáveis por Grupo Etário (Teste t de Student para amostras independentes) (N = 545)

	Grupo Etário	N	Média	Desvio Padrão	valor p
Satisf. Autonomia	10-12 anos	307	3.8654	0.69543	0,352
	13-16 anos	238	3.8081	0.73303	
Satisf. Competência	10-12 anos	307	4.4240	0.68561	0,010*
	13-16 anos	238	4.2661	0.72602	
Satisf. Relacionamento	10-12 anos	307	4.5027	0.69146	0,001**
	13-16 anos	238	4.2899	0.75348	
Total de Satisfação de Necessidades	10-12 anos	307	4.2640	0.56971	0,004**
	13-16 anos	238	4.1214	0.59024	
Frustraç. Autonomia	10-12 anos	307	2.7329	0.83906	0,001**
	13-16 anos	238	2.9685	0.86680	
Frustraç. Competência	10-12 anos	307	2.4604	1.19707	0,002**
	13-16 anos	238	2.7703	1.13855	
Frustraç. Relacionamento	10-12 anos	307	2.0271	0.88294	0,555
	13-16 anos	238	1.9832	0.83281	
Total de Frustração de Necessidades	10-12 anos	307	2.4068	0.78023	0,012*
	13-16 anos	238	2.5740	0.76134	
Total de Dificuldades	10-12 anos	307	18.4300	6.96894	0,278
	13-16 anos	238	17.7857	6.75117	
Problemas Internalizantes	10-12 anos	307	8.5147	4.15967	0,091
	13-16 anos	238	7.9202	3.93163	
Problemas Externalizantes	10-12 anos	307	8.6678	3.26304	0,978
	13-16 anos	238	8.6597	3.49408	
Comportamento Pró-Social	10-12 anos	307	7.4886	0.97470	0,001**
	13-16 anos	238	7.1303	1.30717	

*p<0,05 e ** p <0,01

4.1. Análises Correlacionais

No Quadro 5, é possível observar que a correlação entre a variável Total de Satisfação das Necessidades e as variáveis Total de Dificuldades ($\rho = -.272$; $p < .01$), Problemas de Internalização ($\rho = -.187$; $p < .01$) e Problemas de Externalização ($\rho = -.328$; $p < .01$) é negativa e estatisticamente significativa, de magnitude baixa a moderada⁴. A correlação entre a variável Total de Satisfação das Necessidades e a variável Comportamento Pró-Social ($\rho = .158$; $p < .01$) é positiva e estatisticamente significativa, de magnitude baixa. Por outro lado, a correlação entre a variável Total de Frustração das Necessidades e as variáveis Total de Dificuldades ($\rho = .231$; $p < .01$), Problemas de Internalização ($\rho = .167$; $p < .01$) e Problemas de Externalização ($\rho = .266$; $p < .01$) é positiva e estatisticamente significativa, de magnitude baixa. A correlação entre a variável Total de Frustração das Necessidades e a variável Comportamento Pró-Social ($\rho = -.095$; $p < .05$) é negativa e estatisticamente significativa, de magnitude baixa.

Os resultados confirmam as Hipóteses levantadas: quanto maior a satisfação das necessidades psicológicas básicas, menor o total de dificuldades apresentadas e os problemas tanto de internalização como de externalização, e maior o comportamento pró-social, logo maior o ajustamento e menor o desajustamento psicológico; por outro lado, quanto maior a frustração das necessidades psicológicas básicas, maior o total de dificuldades apresentadas e os problemas tanto de internalização como de externalização, e menor o comportamento pró-social, logo maior o desajustamento e menor o ajustamento psicológico.

Quadro 5. Correlações entre as subescalas da ESFPN e as subescalas do SDQ (N = 545)

	Total de Dificuldades	Problemas de Internalização	Problemas de Externalização	Comportamento Pró-Social
Satisf. Autonomia	-.220**	-.137**	-.279**	.101*
Satisf. Competência	-.240**	-.161**	-.290**	.127**
Satisf. Relacionamento	-.212**	-.176**	-.227**	.163**
Total de Satisfação das Necessidades	-.272**	-.187**	-.328**	.158**
Frustraç. Autonomia	.201**	.155**	.230**	-.063
Frustraç. Competência	.163**	.094*	.217**	-.093*

Frustraç.	.215**	.185**	.196**	-.074
Relacionamento				
Total de Frustração das Necessidades	.231**	.167**	.266**	-.095*

*p<0,05 e ** p <0,01

No Quadro 6, é possível observar que a correlação entre o Total de Satisfação das Necessidades e o Total de Frustração das Necessidades é negativa e estatisticamente significativa, de magnitude elevada ($\rho=.608$; $p<.01$). A satisfação de cada uma das necessidades também se correlaciona de forma negativa e estatisticamente significativa, de magnitude moderada a alta, com a frustração de cada uma das necessidades.

Quadro 6. *Correlações entre as subescalas da ESFPN (N= 545)*

	Frustraç. Autonomia	Frustraç. Competência	Frustraç. Relacionamento	Total de Frustração das Necessidades
Satisf. Autonomia	-.436**	-.336**	-.304**	-.440**
Satisf. Competência	-.418**	-.383**	-.401**	-.497**
Satisf. Relacionamento	-.507**	-.414**	-.474**	-.559**
Total de Satisfação de Necessidades	-.556**	-.465**	-.465**	-.608**

*p<0,05 e ** p <0,01

Nos Quadros 7 e 8, estão indicadas as correlações de acordo com o Sexo. No Quadro 7, é possível observar que tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino, o sentido das correlações está de acordo com o que aparece no Quadro 5. No caso do sexo masculino, todas as correlações são de magnitude baixa; no caso do sexo feminino, as correlações são de magnitude baixa a moderada. Comparativamente com o sexo masculino, praticamente todas as correlações são mais fortes para o sexo feminino.

⁴São considerados os valores de referência apresentados por Cohen (1988; como citado em Pallant, 2011): um coeficiente de correlação inferior a .29 indica uma associação baixa, um coeficiente entre .30 e .49 indica uma associação moderada, um coeficiente de correlação igual ou superior a .50 indica uma associação alta.

Quadro 7. Correlações entre as subescalas da ESFPN e as subescalas do SDQ para cada Sexo (N = 545)

	Total de Dificuldades		Problemas de Internalização		Problemas de Externalização		Comportamento Pró-Social	
	Sexo Masc.	Sexo Femin.	Sexo Masc.	Sexo Femin.	Sexo Masc.	Sexo Femin.	Sexo Masc.	Sexo Femin.
Satisf. Autonomia	-.172**	-.258**	-.092	-.179**	-.246**	-.301**	.136*	.084
Satisf. Competência	-.142*	-.331**	-.083	-.237**	-.197**	-.377**	.143*	.140*
Satisf. Relacionamento	-.173**	-.245**	-.130*	-.231**	-.207**	-.240**	.166**	.177**
Total de Satisfação das Necessidades	-.187**	-.341**	-.109	-.258**	-.206**	-.381**	.177**	.174**
Frustraç. Autonomia	.160**	.239**	.139*	.183**	.172**	.284**	-.102	-.033
Frustraç. Competência	.122*	.219**	.056	.164**	.197**	.239**	-.114	.040
Frustraç. Relacionamento	-.163**	.250**	.131*	.230**	-.173**	.211**	-.064	-.127*
Total de Frustração das Necessidades	.165**	.292**	-.110	.235**	.221**	.306**	-.127*	.064

* p<0,05 e ** p<0,01

No Quadro 8, é possível observar que, tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino, a correlação entre o Total de Satisfação das Necessidades e o Total de Frustração das Necessidades é negativa e estatisticamente significativa, de magnitude moderada a elevada. Comparativamente com o sexo masculino, praticamente todas as correlações são mais fortes para o sexo feminino.

Quadro 8. Correlações entre as subescalas da ESFPN para cada Sexo (N = 545)

	Frustraç. Autonomia		Frustraç. Competência		Frustraç. Relacionamento		Total de Frustração das Necessidades	
	Sexo Masc.	Sexo Femin.	Sexo Masc.	Sexo Femin.	Sexo Masc.	Sexo Femin.	Sexo Masc.	Sexo Femin.
Satisf. Autonomia	-.403**	-.461**	-.335**	-.348**	-.343**	-.247**	-.437**	-.439**

Satisf. Competência	-427**	-.411**	-.342**	-.437**	-.375**	-.414**	-.468**	-.527**
Satisf. Relacionamento	-521**	-.493**	-.378**	-.453**	-.453**	-.491**	-.537**	-.580**
Total de Satisfação das Necessidades	-534**	-.574**	-.431**	-.512**	-.460**	-.461**	-.577**	-.640**

* p<0,05 e ** p<0,01

Nos Quadros 9 e 10, estão indicadas as correlações de acordo com o Grupo Etário. No Quadro 7, é possível observar que tanto para o grupo dos 10-12 anos como para o grupo dos 13-16 anos, o sentido das correlações está de acordo com o que aparece no Quadro 5. No caso do grupo dos 10-12 anos, todas as correlações são de magnitude baixa; no caso do grupo dos 13-16 anos, as correlações são de magnitude baixa a moderada. Comparativamente com o grupo dos 10-12 anos, na maior parte dos casos verificam-se correlações mais fortes para o grupo dos 13-16 anos.

Quadro 9. *Correlações entre as subescalas da ESFPN e as subescalas do SDQ para cada Grupo Etário*

	Total de Problemas de Dificuldades		Problemas de Internalização		Problemas de Externalização		Comportamento Pró-Social	
	10-12 anos	13-16 anos	10-12 anos	13-16 anos	10-12 anos	13-16 anos	10-12 anos	13-16 anos
Satisf. Autonomia	-199**	-.258**	-.138*	-.158*	-.231**	-.336**	.075	.129*
Satisf. Competência	-247**	-.238**	-.192**	-.141*	-.256**	-.326**	.077	.148*
Satisf. Relacionamento	-198**	-.256**	-.186**	-.198**	-.201**	-.260**	.166**	.128*
Total de Satisfação das Necessidades	-257**	-.302**	-.198**	-.193**	-.283**	-.378**	.130*	.173**
Frustraç. Autonomia	.205**	.218**	.175**	.156*	.206**	.265**	-.017	-.089
Frustraç. Competência	.184**	.158*	.129*	.064	.213**	.230**	-.067	-.082

Frustraç. Relacionamento	.201**	.231**	.199**	.171**	.161**	.241**	-.101	-.048
Total de Frustração das Necessidades	.233**	.251**	.192**	.157*	.239**	.309**	-.075	-.093

* p<0,05 e ** p <0,01

No Quadro 10, é possível observar que, tanto para o grupo dos 10-12 anos como para o grupo dos 13-16 anos, a correlação entre o Total de Satisfação das Necessidades e o Total de Frustração das Necessidades é negativa e estatisticamente significativa, de magnitude moderada a elevada. Comparativamente com o grupo dos 10-12 anos, todas as correlações com apenas exceção de uma, são mais fortes para o grupo dos 13-16 anos.

Quadro 10. *Correlações entre as subescalas da ESFPN para cada Grupo Etário*

Variáveis (N = 545)	Frustraç. Autonomia (média)		Frustraç. Competência (média)		Frustraç. Relacionamento		Total de Frustração das Necessidades (média)	
	10-12 anos	13-16 anos	10-12 anos	13-16 anos	10-12 anos	13-16 anos	10-12 anos	13-16 anos
	Satisf. Autonomia	- .334**	- -.552**	- .317**	- -.356**	- -.284**	- -.333**	- -.380**
Satisf. Competência	- .350**	- -.465**	- .360**	- -.388**	- -.407**	- -.396**	- -.455**	- -.523**
Satisf. Relacionamento	- .423**	- -.572**	- .370**	- -.426**	- -.452**	- -.534**	- -.492**	- -.617**
Total de Satisfação das Necessidades	- .440**	- -.658**	- .424**	- -.487**	- -.437	- -.517**	- -.527**	- -.684**

* p<0,05 e ** p <0,01

4.2. Regressões Lineares Múltiplas

A partir das correlações encontradas, e com o intuito de aprofundar a análise dos resultados, procedeu-se à estimação da variável Comportamento Pró-Social a partir da Satisfação das Necessidades, e da variável Total de Dificuldades a partir da Frustração das Necessidades.

Os Quadros 11 e 12 apresentam os coeficientes de regressão estandardizados (β), os intervalos de confiança a 95% e o R^2 para cada uma das análises. O Total de Satisfação das

Necessidades prediz apenas 3,0% do Comportamento Pró-Social e o Total de Frustração das Necessidades prediz apenas 5,5% do Total de Dificuldades.

Quadro 11. *Análise de Regressão Linear Múltipla do Total de Satisfação das Necessidades no Comportamento Pró-Social*

Comportamento Pró-Social			
	β	95% IC	R²
Total de Frustração das Necessidades	.349	[.186; .512]	.030

Quadro 12. *Análise de Regressão Linear Múltipla do Total de Frustração das Necessidades no Total de Dificuldades*

Total de Dificuldades			
	β	95% IC	R²
Total de Frustração das Necessidades	.238	[1.384; 2.835]	.055

5. Discussão de Resultados

5.1. Discussão e Implicações Clínicas

As práticas educativas parentais têm-se revelado indicadores importantes de uma adaptação positiva das crianças e adolescentes, ao mesmo tempo que podem funcionar como fator protetor do desenvolvimento de problemas psicológicos (Cavaco, 2010). De acordo com a Teoria da Autodeterminação (TAD), a influência dos pais no funcionamento dos filhos, nomeadamente durante a adolescência, é explicada pelo papel que exercem na satisfação ou frustração das suas necessidades psicológicas básicas (Ryan & Deci, 2017). A literatura, desde a mais antiga à mais recente, tem vindo a reunir resultados que refletem a relação entre a satisfação parental das necessidades de autonomia, competência e relacionamento, e o bem-estar ao longo do desenvolvimento. Em contexto português e com recurso a instrumentos de avaliação específicos, a presente investigação pretendia averiguar mais sobre essa relação. Os resultados obtidos não só apoiam as duas Hipóteses inicialmente levantadas, como vão ao encontro daquilo que a investigação no âmbito da TAD tem vindo a demonstrar: a satisfação parental das necessidades psicológicas básicas dos adolescentes está associada a um maior ajustamento psicológico dos mesmos, enquanto que a frustração das necessidades está associada a um maior desajustamento psicológico. No seguimento do que Cordeiro et al. (2016) afirmam, as correlações encontradas apontam para a importância de se olhar para o desenvolvimento como um processo dialético, com influência de contextos sociais significativos que podem ou não satisfazer as necessidades psicológicas básicas. Poder-se-á, no entanto, questionar sobre a magnitude dessas correlações: tal como descrito nos Resultados, não se verificam correlações fortes entre as variáveis medidas por cada um dos instrumentos, mas tal não ganha demasiada importância se considerarmos 1) que as correlações são, acima de tudo e praticamente todas, estatisticamente significativas; e 2) que refletem a mesma ou até maior magnitude comparativamente com as que foram encontradas ao longo da literatura (como em Costa et al., 2016; Rodríguez-Meirinhos et al., 2020; Inguglia, 2018; Van Petegem et al., 2015; e até em Silva, 2017 onde se recorreu ao mesmo instrumento de perceção parental). É inovador o recurso – em simultâneo e em contexto português – aos dois instrumentos escolhidos, e foi possível replicar os resultados já obtidos anteriormente em investigações no mesmo âmbito. Assim, proporciona-se mais uma evidência de que um ajustamento psicológico saudável resulta (pelo menos em parte) da satisfação das três necessidades básicas – fazendo com os indivíduos se sintam autónomos, competentes e ligados aos outros –, e de que os pais têm um papel crítico na promoção dessa satisfação (Kocayörük, 2012). Por outro lado, alerta para aquilo que a bibliografia já vem salientando: a frustração das necessidades psicológicas básicas é um preditor robusto do desajustamento, e a sua variação ao longo do tempo vai ao encontro da variação dos níveis de afeto negativo, stress ou sintomas depressivos (Vansteenkiste et al., 2020). De forma resumida, foi possível replicar parte dos

esquemas apresentados por Cordeiro et al. (2015), Cordeiro et al. (2018) e Vansteenkiste et al. (2020).

A presente investigação contribui, assim, para a ideia defendida pela TAD de que os pais, como agentes de socialização, têm o papel de facilitar o desenvolvimento dos filhos através das suas tendências intrínsecas de crescimento (Kocayoruk, 2012; Ryan & Deci, 2017), e tal passa pela criação de ambientes que facilitam a satisfação das necessidades psicológicas básicas e, conseqüentemente, o desenvolvimento saudável, que inclui até a realização escolar (Deci & Ryan, 2000). Considerar este papel significativo não implica, contudo, desconsiderar a multidireccionalidade que os fatores de desenvolvimento envolvem: esta investigação partiu da ideia defendida na literatura e descrita por Cavaco (2010) de que a perceção dos adolescentes sobre as atitudes parentais pode ser mais importante do que o comportamento dos pais em si; isso não significa, porém, que se ignore o facto de que ao mesmo tempo que os jovens se desenvolvem em resposta às influências familiares, também estas são moldadas de acordo com o desenvolvimento individual dos filhos (Fleming, 1997 citado por Cavaco, 2010). Não ter em conta, principalmente nos contextos de intervenção, que esta multidireccionalidade existe, pode levar a um entendimento enviesado e limitado das situações.

Outro ponto de discussão é levantado por Koole et al. (2019) e analisado por Ryan et al. (2019): o foco na satisfação vs. frustração das necessidades poderá esquecer a hipótese de que os desafios podem eventualmente ter um valor adaptativo no desenvolvimento, e que as experiências negativas podem ter um papel importante na criação de resiliência. A presente investigação vai, contudo, ao encontro daquilo que os autores da TAD defendem: mesmo que os indivíduos possam crescer e integrar novas aprendizagens a partir dos desafios, tal acontecerá de forma mais eficaz e levará a melhores resultados se houver apoio às necessidades psicológicas básicas; parte-se, assim, da ideia de que não é necessário expor as crianças/adolescentes a condições nefastas para os ajudar a crescer, e que a resiliência é, ela própria, “*facilitada pelo apoio à autonomia, estruturação de competências e sentido de aceitação e de ligação*” (Ryan et al., 2019). Apesar disso, é sempre importante olhar para a duração e para a intensidade das experiências frustrantes: o presente estudo ajuda a corroborar a ideia de que a frustração parental das necessidades é prejudicial (tal como a satisfação é benéfica) para o desenvolvimento psicossocial, mas Ryan et al. (2019) afirmam que experiências momentâneas de frustração de necessidades, com uma intensidade leve a moderada, podem desencadear tentativas mais restauradoras de superar, no futuro, essas experiências negativas e até dar mais atenção às necessidades que estão a ser frustradas. Na presente investigação, ao avaliar-se a satisfação/frustração parental das necessidades e ao fazer-se perguntas que abordam a repetição de certas experiências, está-se a partir do pressuposto de que há uma certa estabilidade no comportamento por parte dos pais e que, portanto, as eventuais experiências negativas de frustração das necessidades são repetidas pelo menos durante um período mínimo para se refletir no nível de ajustamento psicológico.

Também em relação à avaliação do impacto distinto de cada uma das necessidades nesse ajustamento, os resultados não evidenciaram diferenças entre as três necessidades; apesar disso, Ryan e Deci (2017) reúnem vários artigos que investigam a hipótese do apoio à autonomia predizer o apoio à competência e ao relacionamento, o que dá a entender que apoiar a necessidade de autonomia facilita, à partida, o apoio às restantes necessidades. Ao mesmo tempo, a satisfação de cada uma das necessidades facilita a satisfação das restantes: Deci e Ryan (2017) exemplificam dizendo que em relacionamentos com grande controlo/carência de apoio à autonomia, é pouco provável que os indivíduos sintam proximidade ou intimidade; por isso mesmo, e porque a presente investigação aponta para uma consideração equivalente para todas as necessidades, é necessário criar ou ajudar a criar contextos educativos que facilitem não apenas uma, mas as três necessidades psicológicas básicas.

A presente investigação corrobora a chamada de atenção de Vandekerckhove et al. (2019): a maior parte dos estudos foca-se nos problemas de internalização como principal resultado da frustração parental das necessidades, o que é de facto verdade pela previsão de stress, sintomas depressivos e de ansiedade, mas a adolescência é marcada por problemas de ambos os tipos. Assim, os resultados presentes apontam para um risco para problemas também de externalização que, segundo Van Petegem et al. (2015), estão ligados a comportamentos de desafio de oposição. Cabe, ainda, acrescentar que Costa et al. (2018) defendem que deve haver mais estudos que analisam o efeito de outras variáveis, tal como o sexo e a idade, que possam ajudar a explicar diferenças individuais no benefício/vulnerabilidade para a satisfação/frustração das necessidades. A presente investigação não explorou de forma aprofundada essas variáveis e, por isso, não pretende tirar conclusões que correspondam, na prática, a diferenças significativas na forma de atuar, mas conseguiu obter dados estatísticos suficientes para que haja, pelo menos, um levantamento de hipóteses sobre a sensibilidade dos mesmos a essas variáveis. Na análise comparativa das variáveis, o sexo feminino surgiu como tendo mais problemas de internalização e maior comportamento pró-social do que o sexo masculino, o que está de acordo com aquilo que a investigação tem encontrado (Leadbeater et al., 1999; Liu et al., 2023; Matos et al., 2017; Memmott-Elison et al., 2020; Zimmer-Gembeck et al., 2005). Por outro lado, o grupo de participantes mais velhos apresenta uma maior satisfação das necessidades psicológicas básicas, enquanto o grupo dos mais novos apresenta uma maior frustração das mesmas; supõem-se que tal aconteça pelo conflito que existe entre pais e filhos adolescentes mais velhos: a tensão entre a dialética individualidade vs. conectividade, e a necessidade de controlo por parte dos pais vs. a necessidade de autonomia dos filhos (Vangelisti, 1992), poderão explicar esse resultado. A correlação negativa encontrada entre a satisfação das necessidades e as dificuldades psicológicas (incluindo problemas de internalização e de externalização), e a relação positiva encontrada entre a frustração das necessidades e as dificuldades psicológicas (incluindo problemas de internalização e de externalização), são ambas mais fortes para o sexo feminino e para o grupo

etário da adolescência média; Shao et al. (2018), por exemplo, falam sobre as raparigas adolescentes terem tendencialmente uma relação mais próxima com os pais do que os rapazes adolescentes, e isso pode eventualmente fazer com que as experiências (de satisfação ou frustração) nas relações parentais tenham mais impacto no seu funcionamento. No caso das diferenças na idade, é possível que um menor conhecimento vocabular (embora se tenha tido isto em conta no momento da recolha dos dados) e um menor entendimento das situações possam eventualmente levar a um preenchimento menos alinhado com a realidade e, portanto, a um resultado menos proeminente quanto às relações entre as variáveis.

Existe, até, alguma bibliografia que aponta para certos traços de personalidade poderem ser moderadores do impacto a frustração parental das necessidades (nomeadamente de autonomia) nos filhos (Vansteenkiste et al., 2020), e tudo junto parece defender que a forma como as pessoas se regulam perante as experiências é, de facto, uma interação entre múltiplas variáveis (Cordeiro et al., 2016): a TAD fornece uma “base conceptual” para entender essa interação complexa, mas a aplicação prática dos resultados desta e de toda a investigação desenvolvida deve ter em consideração que estamos a abordar dinâmicas que são multifatoriais, por isso a conclusão nunca será no sentido do impacto da parentalidade ser unidirecional. Para além disso, abordar as variáveis que influenciam a parentalidade parece ser um trabalho necessariamente cuidadoso já que, pelos resultados complementares da presente análise estatística, haverão outros fatores que ajudarão, juntamente com a satisfação e a frustração das necessidades básicas, a prever o ajustamento e desajustamento psicológico dos adolescentes.

No que toca às implicações clínicas, esta investigação contribui, antes de mais, para a aplicabilidade dos instrumentos SDQ e ESFPN na população adolescente portuguesa, ainda para mais não havendo muitos estudos que se foquem neste contexto. É, ainda, uma ferramenta de suporte empírico que chama a atenção para a importância de, tanto em intervenção junto dos pais como em diferentes contextos onde os jovens adolescentes participem, se considerar a satisfação e a frustração das necessidades de autonomia, competência e relacionamento como fatores de impacto significativo no seu funcionamento. Tal como Costa et al. (2019) concluíram, também esta investigação está alinhada com as previsões da TAD de que a perceção do apoio por parte dos pais prevê a satisfação ou frustração das suas necessidades básicas, e de que a satisfação está associada a resultados mais positivos, tal como o comportamento pró-social. De acordo com Joussemet et al. (2014), dada a forte relação entre a qualidade parental e a saúde mental dos jovens, torna-se essencial promover, na população em geral, uma educação parental eficaz. Assim, os resultados encontrados na presente investigação podem ser usados na prevenção e intervenção tanto em contexto clínico como em contexto escolar – Joussemet et al. (2014) puseram em prática um programa que ensinava aos pais formas de apoiar a autonomia dos filhos, e Kocayoruk (2012)

fala deste tipo de implicações práticas como essenciais para promover um vínculo mais forte entre pais e filhos adolescentes, de maneira a conseguirem superar as eventuais dificuldades de adaptação. Para além disso, Costa et al. (2019) afirmam que, aquando da aplicação dos resultados obtidos nesta área de estudo, qualquer intervenção junto dos pais não deve centrar-se apenas nas práticas parentais, mas também nas características deles próprios: pais que percecionam ter as suas necessidades psicológicas básicas satisfeitas tendem a exercer uma parentalidade mais positiva e a ser mais eficazes na promoção da satisfação das necessidades dos filhos; contrariamente, pais que experienciam frustração das suas necessidades tendem a recorrer a uma parentalidade mais negativa (que envolve, por exemplo, controlo psicológico) e a frustrar as necessidades dos filhos, sobretudo durante o período da adolescência. Ryan e Deci (2017) também chamam a atenção para o facto de que as formas de parentalidade mais controladoras podem resultar de um conjunto de pressões internas e externas, tais como o constrangimento económico e eventos de vida stressantes. Neste sentido, parece ser relevante que, nos vários momentos e nos diferentes tipos de intervenções, se integrem as variáveis intrapessoais dos pais que possam afetar a forma com que exercem a parentalidade.

5.2. Limitações e Sugestões para Estudos Futuros

Existem limitações a assinalar. A amostra utilizada é bastante considerável, mas foi recolhida apenas em duas escolas privadas, ambas pertencentes ao distrito de Lisboa. Por essa razão, para se poderem tirar conclusões mais abrangentes, seria importante continuar o estudo destas variáveis na população adolescente portuguesa, a fim de recolher ainda mais evidências da aplicabilidade destes instrumentos e daquilo que é defendido pela Teoria da Autodeterminação. Se se quiser aprofundar esse estudo, seria interessante explorar a correlação, de forma individual, da mãe e do pai com essas variáveis, já que, por exemplo, Deci e Ryan (2017) falam na existência de uma maior satisfação das necessidades nos filhos quando ambos os pais, ao mesmo tempo, dão apoio à autonomia. Havia sido objetivo inicial comparar as correlações entre quem vive com os pais e quem não vive, para entender se existe um impacto das práticas educativas quando elas vêm, especificamente, dos pais ou se se pode generalizar a quem coabita e educa os adolescentes, mas a amostra não continha nenhum participante que não vivesse com os pais; no futuro, talvez, de fazer recolha nouro tipo de contextos. Para além disso, há a importância de haver vários informantes: os instrumentos de autorrelato abraçam a experiência subjetiva de cada um, mas 1) acarretam a desvantagem de poderem ser alvo de desejabilidade social, e 2) poderão ser mais úteis quando complementados com outro tipo de instrumentos, o que neste caso passaria por averiguar as práticas parentais também a partir da informação e avaliação dos próprios pais. Esta conjugação de dados ajudaria a diminuir, também, o risco de, nalguns casos, não existir um *insight* ou metacognição suficientes, inerentes à fase de desenvolvimento em que os adolescentes se encontram (Zeman et al, 2007 como citado em Santos, 2020).

6. Referências Bibliográficas

- Barber, B. K. (1996). Parental psychological control: Revisiting a neglected construct. *Child development, 67*(6), 3296-3319.
- Brenning, K., Soenens, B., Vansteenkiste, M., De Clercq, B., & Antrop, I. (2022). Emotion regulation as a transdiagnostic risk factor for (non) clinical adolescents' internalizing and externalizing psychopathology: Investigating the intervening role of psychological need experiences. *Child Psychiatry & Human Development, 1*-13.
- Cavaco, N. A. P. A. (2010). Atitudes educativas parentais e resiliência no adolescente. Psicologia. PT.
- Chen, B., Vansteenkiste, M., Beyers, W., Boone, L., Deci, E. L., Deeder, J., ... & Verstuyf, J. (2015). Psychological need satisfaction and desire for need satisfaction across four cultures. *Motivation and Emotion, 39*(2), 216-236.
- Cordeiro, P. M. G. (2016). *Cognitive-Motivational determinants of career decision-making processes: Validation of a conceptual model* (Doctoral dissertation, Universidade de Coimbra (Portugal)).
- Cordeiro, P. M. G., Paixao, M. P., Lens, W., Lacante, M., & Luyckx, K. (2018). Parenting styles, identity development, and adjustment in career transitions: The mediating role of psychological needs. *Journal of Career Development, 45*(1), 83-97.
- Cordeiro, P. M. G., Paixao, M. P., Lens, W., Lacante, M., & Luyckx, K. (2018). Parenting styles, identity development, and adjustment in career transitions: The mediating role of psychological needs. *Journal of Career Development, 45*(1), 83-97.
- Cordeiro, P. M., Paixão, M. P., Lens, W., Lacante, M., & Sheldon, K. (2016). Portuguese validation of the parental need-support and parental need-thwarting scale among Portuguese students: Relations to wellbeing and ill-being. *Motivation and Emotion*.
- Cordeiro, P., Paixão, M. P., & Lens, W. (2015). Perceived parenting and basic need satisfaction among Portuguese adolescents. *The Spanish journal of psychology, 18*, E62.
- Cordeiro, P., Paixao, M. P., Lens, W., Lacante, M., Ortuno, V., Roman, N., & Davids, E. (2016). Parenting, Cognition and Motivation in Career Decision-making Processes: A Self Determination Theory Perspective.
- Costa, S., Cuzzocrea, F., Gugliandolo, M. C., & Larcan, R. (2016). Associations between parental psychological control and autonomy support, and psychological outcomes in adolescents: The mediating role of need satisfaction and need frustration. *Child Indicators*

Research, 9, 1059-1076.

- Costa, S., Sireno, S., Larcán, R., & Cuzzocrea, F. (2019). The six dimensions of parenting and adolescent psychological adjustment: The mediating role of psychological needs. *Scandinavian Journal of Psychology*, 60(2), 128-137.
- Costa, S., Soenens, B., Gugliandolo, M. C., Cuzzocrea, F., & Larcán, R. (2015). The mediating role of experiences of need satisfaction in associations between parental psychological control and internalizing problems: A study among Italian college students. *Journal of Child and Family Studies*, 24, 1106-1116.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1980). Self-determination theory: When mind mediates behavior. *The Journal of mind and Behavior*, 33-43.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The "what" and "why" of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological inquiry*, 11(4), 227-268.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2008). Self-determination theory: A macrotheory of human motivation, development, and health. *Canadian psychology/Psychologie canadienne*, 49(3), 182.
- Fleitlich, B., Loureiro, M. J., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2004). Questionário do SDQ, versão traduzida e adaptada para a população portuguesa.
- Goodman, A., Lamping, D. L., & Ploubidis, G. B. (2010). When to use broader internalising and externalising subscales instead of the hypothesised five subscales on the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ): data from British parents, teachers and children. *Journal of abnormal child psychology*, 38, 1179-1191.
- Goodman, R., Meltzer, H., & Bailey, V. (1998). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A pilot study on the validity of the self-report version. *European child & adolescent psychiatry*, 7(3), 125-130.
- Grolnick, W. S., Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1997). Internalization within the family: The self-determination theory perspective. *Parenting and children's internalization of values: A handbook of contemporary theory*, 135-161.
- Inguglia, C., Liga, F., Lo Coco, A., Musso, P., & Ingoglia, S. (2018). Satisfaction and frustration of autonomy and relatedness needs: Associations with parenting dimensions and psychological functioning. *Motivation and Emotion*, 42, 691-705.
- Inman, R. A., Costa, P. J., & Moreira, P. A. (2023). Psychometric Properties of the Portuguese

- Adolescent Students' Basic Psychological Needs at School Scale (ASBPNSS) and Evidence of Differential Associations With Indicators of Subjective Wellbeing. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 41(1), 100-119.
- Joussemet, M., Mageau, G. A., & Koestner, R. (2014). Promoting optimal parenting and children's mental health: A preliminary evaluation of the how-to parenting program. *Journal of Child and Family Studies*, 23, 949-964.
- Kocayörük, E. (2012). The adaptation of perception of parent scale (POPS) into the Turkish culture. *International Journal of Educational Researchers*, 3(2), 1-9.
- Kocayoruk, E. (2012). The perception of parents and well-being of adolescents: Link with basic psychological need satisfaction. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 46, 3624-3628.
- Koole, S. L., Schlinkert, C., Maldei, T., & Baumann, N. (2019). Becoming who you are: An integrative review of self-determination theory and personality systems interactions theory. *Journal of personality*, 87(1), 15-36.
- Leadbeater, B. J., Kuperminc, G. P., Blatt, S. J., & Hertzog, C. (1999). A multivariate model of gender differences in adolescents' internalizing and externalizing problems. *Developmental psychology*, 35(5), 1268.
- Liu, K., Thompson, R. C., Watson, J., Montena, A. L., & Warren, S. L. (2023). Developmental trajectories of internalizing and externalizing symptoms in youth and associated gender differences: a directed network perspective. *Research on child and adolescent psychopathology*, 1-13.
- Matos, A. P., Salvador, M., Costa, J. J., Pinheiro, M. R., Arnarson, E. O., & Craighead, W. E. (2017). The relationship between internalizing and externalizing problems in adolescence: does gender make a difference. *Canadian International Journal of Social Science and Education*, 8, 1-16.
- Masten, A. S., & Shaffer, A. (2006). How families matter in child development: Reflections from research on risk and resilience.
- Memmott-Elison, M. K., Holmgren, H. G., Padilla-Walker, L. M., & Hawkins, A. J. (2020). Associations between prosocial behavior, externalizing behaviors, and internalizing symptoms during adolescence: A meta-analysis. *Journal of adolescence*, 80, 98-114.
- Pallant, J. (2011). Survival manual. *A step by step guide to data analysis using SPSS*, 4(4).
- Rodríguez-Meirinhos, A., Antolín-Suárez, L., Brenning, K., Vansteenkiste, M., & Oliva, A.

- (2020). A bright and a dark path to adolescents' functioning: The role of need satisfaction and need frustration across gender, age, and socioeconomic status. *Journal of Happiness Studies*, 21, 95-116.
- Rohner, R. P., & Veneziano, R. A. (2001). The importance of father love: History and contemporary evidence. *Review of general Psychology*, 5(4), 382-405.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2017). Self-determination theory. *Basic psychological needs in motivation, development, and wellness*.
- Ryan, R. M., Soenens, B., & Vansteenkiste, M. (2019). Reflections on self-determination theory as an organizing framework for personality psychology: Interfaces, integrations, issues, and unfinished business. *Journal of personality*, 87(1), 115-145.
- Santos, M. M. (2020). *Os Esquemas Precoces Maladaptativos e a Desregulação Emocional na Adolescência* (Doctoral dissertation, Universidade de Lisboa (Portugal)).
- Schaefer, E. S. (1965). Children's reports of parental behavior: An inventory. *Child development*, 413-424.
- Shao, J., Zhang, L., Ren, Y., Xiao, L., & Zhang, Q. (2018). Parent-child cohesion, basic psychological needs satisfaction, and emotional adaptation in left-behind children in China: An indirect effects model. *Frontiers in Psychology*, 9, 1023.
- Shao, J., Zhang, L., Ren, Y., Xiao, L., & Zhang, Q. (2018). Parent-child cohesion, basic psychological needs satisfaction, and emotional adaptation in left-behind children in China: An indirect effects model. *Frontiers in Psychology*, 9, 1023.
- Silva, J. D. A. (2017). *O Impacto do Suporte Parental e da satisfação das necessidades psicológicas básicas no bem-estar subjetivo e ajustamento psicossocial em adolescentes institucionalizados* (Master's thesis).
- Skinner, E., Johnson, S., & Snyder, T. (2005). Six dimensions of parenting: A motivational model. *Parenting: Science and practice*, 5(2), 175-235.
- Tay, L., & Diener, E. (2011). Needs and subjective well-being around the world. *Journal of personality and social psychology*, 101(2), 354.
- Van Petegem, S., Soenens, B., Vansteenkiste, M., & Beyers, W. (2015). Rebels with a cause? Adolescent defiance from the perspective of reactance theory and self-determination theory. *Child development*, 86(3), 903-918.
- Vandenkerckhove, B., Brenning, K., Vansteenkiste, M., Luyten, P., & Soenens, B. (2019). The

explanatory role of basic psychological need experiences in the relation between dependency, self-criticism and psychopathology in adolescence. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 41, 574-588.

Vansteenkiste, M., & Ryan, R. M. (2013). On psychological growth and vulnerability: Basic psychological need satisfaction and need frustration as a unifying principle. *Journal of psychotherapy integration*, 23(3), 263.

Vansteenkiste, M., Ryan, R. M., & Soenens, B. (2020). Basic psychological need theory: Advancements, critical themes, and future directions. *Motivation and emotion*, 44, 1-31.

Zimmer-Gembeck, M. J., Geiger, T. C., & Crick, N. R. (2005). Relational and physical aggression, prosocial behavior, and peer relations: Gender moderation and bidirectional associations. *The Journal of Early Adolescence*, 25(4), 421-452.

Anexos

Anexo A

Pedido de Colaboração ao Diretor de cada Escola

Exmo./a Sr./a Diretor/a,

Venho por este meio solicitar a Vossa disponibilidade para colaborar numa investigação no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob orientação da Prof.^a Doutora Isabel Sá. A investigação tem como objetivo conhecer um pouco melhor o funcionamento e desenvolvimento dos adolescentes. Desta forma, o estudo pretende reunir uma amostra de adolescentes, com idades compreendidas entre os onze e os dezasseis anos.

Para esse efeito, vimos junto de V. Exa solicitar autorização para a participação de alguns alunos do Agrupamento de Escolas neste estudo. A participação consiste no preenchimento de dois questionários, em sala de aula, cuja duração prevista é de 20 minutos. A participação dos alunos no presente estudo é voluntária, sendo que poderão desistir a qualquer momento, sem que isso implique qualquer tipo de consequência para o mesmo. O anonimato dos participantes será garantido, bem como a confidencialidade sobre a identificação das escolas e dos dados recolhidos. Previamente à aplicação dos questionários, serão enviados formulários de consentimento informado aos Encarregados de Educação, de forma a autorizar a participação dos jovens.

Desde já agradeço a atenção e disponibilizo-me para, se necessário, esclarecer alguma dúvida relativa à presente investigação, através do seguinte endereço de e-mail: velezserena@campus.ul.pt.

Anexo B

Consentimento Informado aos Encarregados de Educação

Exmo./a Sr./a Encarregado/a de Educação,

No âmbito de uma dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, está em desenvolvimento uma investigação, sob a orientação da Prof^a Doutora Isabel Sá, que pretende conhecer melhor o funcionamento e o desenvolvimento dos adolescentes.

Neste sentido, venho por este meio solicitar o seu consentimento para a participação do seu/sua educando/a nesta investigação, através do preenchimento de dois breves questionários, em sala de aula, cuja duração prevista é 20 minutos. A participação do/a seu/sua educando/a no presente estudo é voluntária, anónima, sendo que as informações requeridas não serão identificativas do seu educando, e são confidenciais, porque a identidade do seu(a) educando/a não será revelada em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa não envolvida diretamente neste estudo. O seu/sua educando/a poderá desistir a qualquer momento, sem que isso implique qualquer tipo de consequência para o mesmo.

Caso tenha alguma dúvida relativamente à presente investigação ou à participação do/a seu/sua educando/a, poderá entrar em contacto através do email: velezserena@campus.ul.pt.

Se desejar, poderá também solicitar que lhe seja enviada, quando disponível, informação sobre os principais resultados da investigação.

Obrigada pela sua colaboração e disponibilidade,

(Serena Velez)

Por favor, preencha e assine o seguinte documento:

Eu, _____ Encarregado/a _____ de _____ educação _____ do/a _____ aluno/a _____, tomei conhecimento dos

objetivos da investigação e **autorizo** a participação do/a meu/minha educando/a neste estudo.

Declaro ainda que li e compreendi o conteúdo do consentimento informado e considero que fui devidamente esclarecido/a sobre os aspetos que considero relevantes.

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Anexo C

Instruções para Participação na Investigação

Estou interessada em compreender melhor alguns aspetos relacionados com o funcionamento e desenvolvimento dos adolescentes. Para isso preciso da tua participação.

Lê atentamente todas as questões e responde aos questionários que se seguem. Terá uma duração aproximada de 20 minutos.

Lembra-te que não existem respostas certas nem erradas, pelo que peço que respondas com sinceridade e que escolhas a resposta que mais se identifique com o que tu pensas e sentes.

Não escrevas o teu nome ou outro elemento que te identifique nos questionários.

A tua participação é voluntária, sendo que podes desistir a qualquer momento, sem que isso implique quaisquer consequências. Garantimos o anonimato, sendo que as informações pedidas não permitem a tua identificação, assim como a confidencialidade, pelo que os dados não serão revelados em nenhuma ocasião e/ou a qualquer pessoa não envolvida diretamente no estudo.

Responde a todas as questões e se tiveres dúvidas, pergunta ao responsável presente.

Obrigada pela tua participação!